

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 23/03/2019.

ELISA MARIANA CARVALHO RIBEIRO

**ACOLHIMENTO FAMILIAR ENQUANTO FISSURA DE UM
DISPOSITIVO: uma cartografia dos afetos**

**ASSIS
2017**

ELISA MARIANA CARVALHO RIBEIRO

**ACOLHIMENTO FAMILIAR ENQUANTO FISSURA DE UM
DISPOSITIVO: uma cartografia dos afetos**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira Filho

Bolsista: CAPES; FAPESP processo 2014/24262-7

ASSIS

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

R484a	Ribeiro, Elisa Mariana Carvalho Acolhimento familiar enquanto fissura de um dispositivo: uma cartografia dos afetos / Elisa Mariana Carvalho Ribeiro. Assis, 2017. 250 f.: il. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista. Orientador: Dr. Fernando Silva Teixeira Filho 1. Crianças - Assistências em instituições. 2. Assistência a menores. 3. Afeto (Psicologia). 4. Adolescentes. 5. Cartografia. I. Título. CDD 362.7
-------	--

Elisa Mariana Carvalho Ribeiro

ACOLHIMENTO FAMILIAR ENQUANTO FISSURA DE UM
DISPOSITIVO: uma cartografia dos afetos

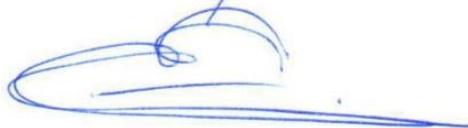
Dissertação apresentada à Faculdade de
Ciências e Letras – UNESP/Assis para a
obtenção do título de Mestrado Acadêmico em
PSICOLOGIA (Área de Conhecimento:
PSICOLOGIA E SOCIEDADE)

Data da Aprovação: 23/03/2017

COMISSÃO EXAMINADORA



Presidente: Prof. Dr. Fernando Silva Teixeira Filho - UNESP/ASSIS



Membros: Prof. Dr. Leonardo Lemos de Souza - UNESP/ASSIS

Profa. Dra. Ana Claudia Bortolozzi Maia - UNESP/BAURU

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe por ter permitido que os afetos a levassem a escolher-me como filha. Agradeço por sua coragem de tornar-se mãe, por sua teimosia em me fazer perseverar na existência, por seu coração imenso, sua paciência (mesmo diante de nossas diferenças), sua torcida, admiração, apoio e companhia.

Agradeço ao meu pai (*in memoriam*), meu ciumento herói de coração frágil, que me carregava em suas costas mesmo sob recomendações médicas contrárias, e por assim ensinar-me que algumas regras podem ser burladas quando o coração, apesar de frágil, é grande. Agradeço-o também por me escolher como filha, e por ficar tão orgulhoso de minhas pequenas conquistas.

Também agradeço à paixão dos meus vinte anos, Juliano, que até hoje acompanha-me. Agradeço-o pela paciência, colaboração, madrugadas, nomadismos, segredos, compreensões e incompreensões, que têm feito da minha vida uma composição mais intensa.

Agradeço ao meu orientador, Fernando, que já há algum tempo acompanha-me, ensina e me apoia nessa trajetória acadêmica, por vezes espinhosa, porém extremamente cheia de prazeres. Sou imensamente grata por sua flexibilidade em acolher minhas inquietações, por me mostrar a existência de outros discursos sobre a adoção, sobre as diferentes famílias, discursos muito mais potentes, que me possibilitaram um (re)olhar.

Agradeço aos (às) participantes da pesquisa, que aceitaram o desafio que lhes propus, receberam-me em suas casas e tornaram esta cartografia possível. Sou grata pelas marcas que esta nova experiência me proporcionou e pelos afetos de que fomos capazes a partir desses encontros.

Muito obrigada Bruno Pereira, por ter ajudado com as imagens e pelas diversas dicas, à Juliana Bessa, com quem pude dividir ansiedades e expectativas, à Vivian (Vivi) minha companheira na escrita de artigos, que além disso ouviu-me e acolheu muito, principalmente no fim do meu processo de mestrado, ao Fabio Martins e ao Hilton pelo incentivo, conversas, acolhidas e confidências, à Carolzinha pelas noites sem dormir e pelos dias dormindo, quando extravasar era preciso em composição ao nosso processo de criativo. Sou grata também à equipe do GEPS (Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Sexualidades), pelo espaço compartilhado, pelos eventos realizados em conjunto, pelas discussões teóricas e de bar.

Sou agradecida aos meus amigos anarquistas que me emprestaram livros, questionamentos e horas de conversas insanas em atmosferas repletas de fumaça e de paixão pela vida.

Agradeço à equipe da Pós-Graduação que com paciência, sempre solícita, respondeu às minhas perguntas e ajudou-me com os processos burocráticos. Agradeço também ao Marcio, do escritório de internacionalização, por seu auxílio.

Muito obrigada à CAPES e à FAPESP¹, que por meio do incentivo financeiro, possibilitaram-me viajar com mais tranquilidade para acompanhar as famílias acolhedoras, assim como proporcionaram um pouco mais de conforto e tranquilidade para que eu pudesse dedicar-me, exclusivamente, à pesquisa. Aproveito também para agradecer à pessoa parecerista da FAPESP que, com suas críticas e sugestões, contribuiu com o presente trabalho.

Sou grata ainda, a Cau e ao Leo, que compuseram as bancas de qualificação e de defesa, por seu carinho ao lerem esta cartografia, e o cuidado com que fizeram críticas e sugestões possibilitando, assim, significativas modificações.

Agradeço também aos(as) músicos(as), aos poetas e poetisas, às plantas e aos bichos, que também ensinaram-me a compor.

¹ Processo 2014/24262-7

RIBEIRO, Elisa Mariana Carvalho. **Acolhimento familiar enquanto fissura de um dispositivo: uma cartografia dos afetos**. 2017. 250 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

RESUMO

Os discursos sobre a infância e a maneira como tem sido percebida e teorizada ao longo dos anos determinam os tipos de ações voltadas às necessidades das crianças e adolescentes, bem como são ressignificados os papéis e a função do grupo familiar mediante tais modificações. Diante desse processo de definições e redefinições sociais e subjetivas, as crianças e adolescentes que têm seus direitos violados dentro de sua família de origem, e que portanto, precisam ser retiradas desse convívio para sua proteção, tornam-se alvo das políticas públicas e de suas medidas protetivas. O dispositivo de institucionalização da infância passou por fortes questionamentos quanto à sua efetividade em garantia de direitos, principalmente no que concerne à convivência familiar e comunitária. É assim que por meio do PNAS (Plano Nacional de Assistência Social, 2004) é estabelecida uma nova modalidade de acolhimento, o familiar, que com as alterações da lei n.º 12.010 de 2009 feitas ao ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), passa a ser prioritário frente ao acolhimento institucional. As famílias acolhedoras são voluntárias e passam por seleção e treinamento realizados pelas equipes técnicas dos programas e assim recebem e acolhem em suas casas as crianças e adolescentes encaminhadas(os). O objetivo da presente pesquisa foi cartografar os afetos nesse contexto de acolhimento que inclui a sociedade na efetivação de uma política pública de proteção. Isso foi possível por meio do acompanhamento de duas famílias acolhedoras oriundas de diferentes cidades do interior paulista, por meio de encontros, telefonemas, conversas, e de material proveniente do *Facebook*. Dentre os afetos cartografados destacam-se a rivalidade e a ambivalência e outros decorrentes de dificuldades, principalmente, em relação ao fim dos acolhimentos.

Palavras-chave: Acolhimento Familiar; Dispositivo de institucionalização; Afetos; Cartografia.

RIBEIRO, Elisa Mariana Carvalho. **Foster care as the fissure of a device: a cartography of affects**. 2017. 250 f. Dissertation (Masters Degree in Psychology). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Assis, 2017.

ABSTRACT

The discourses about childhood and the way it has been perceived and theorized over the years determine the types of actions toward to the needs of children and adolescents, as well as the roles and the role of the family group are redefined through such modifications. In this process of social and subjective definitions and redefinitions, children and adolescents who have their rights violated within their family of origin, and therefore need to be removed from this conviviality for their protection, become the target of public policies and their protective measures. The institutionalization of childhood was strongly questioned as to its effectiveness in guaranteeing rights, especially in relation to family and community life. Thus, through the PNAS (National Plan of Social Assistance, 2004), a new modality of foster care, the family, is established, which with the amendments of law nº. 12.010 of 2009 made by ECA (Children and Adolescent Statute), it becomes priority against the institutional care. The foster families are volunteers and go through selection and training by the technical teams of the programs and thus receive and welcome in their homes the children and adolescents sent to them. The objective of the present research was to map the affects in this context of foster care, which includes the society in the accomplishment of a public policy of protection. This was possible through the accompaniment of two foster families from different cities in the interior of São Paulo, through meetings with such families, phone calls and conversations, and material from Facebook. Among the affects mapped out are the rivalry and ambivalence and others coming from difficulties, especially in relation to the end of the foster care.

Keywords: Foster Family; Device of institutionalization; Affects; Cartography.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Ribeiro, Pode entrar, 2015	97
Figura 2. Ribeiro, Um certo varal, 2015	99
Figura 3. Cheiros e sinais, 20 de março de 2016. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	100
Figura 4. Ribeiro, Leite para adulto, leite para criança, 2015.	101
Figura 5. Ribeiro, Sua cama repleta de roupas infantis, 2015	101
Figura 6. Ribeiro, Meses de acolhimento, 2015	101
Figura 7. Ribeiro, Ao final do corredor, 2015	102
Figura 8. Ribeiro, Universo azul de um bebê, 2015	103
Figura 9. Ribeiro, Um quarto para acolher, 2015	103
Figura 10. Ribeiro, Talcos, fitas e pomadas, 2015	103
Figura 11. Ribeiro, Será que ela vai gostar?, 2015.....	104
Figura 12. Ribeiro, Aqui se brinca!, 2015	104
Figura 13. Ribeiro, Laura, 2015.	103
Figura 14. Ribeiro, “Mais alto! Mais alto! Até a lua”, 2015	105
Figura 15. Ribeiro, “Deixa que eu vou de moto”, 2015	106
Figura 16. Ribeiro, Biblioteca, 2015	106
Figura 17. Ribeiro, Um livrinho, 2015	106
Figura 18. Ribeiro, Já tem cinco! Será que sempre cabe mais um(a)?, 2015.....	107
Figura 19. Ribeiro, Estratégia: organizando rotinas, 2015	108
Figura 20. Ribeiro, Notícias de uma micropolítica, 2015	109
Figura 21. Ribeiro, Com um pé no acolhimento familiar, 2015.....	109
Figura 22. Ribeiro, O beijo de Maria e uma história de acolhimentos, 2015.....	110
Figura 23. Ribeiro, Rostinhos familiares, 2015	110
Figura 24. “Acolher uma criança é...”, 30 de maio de 2015.Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	111
Figura 25. Ribeiro, Mamanhês, 2015	113
Figura 26. Ribeiro, Companhia, 2015	113
Figura 27. Ribeiro, Um Cheirinho, 2015	113
Figura 28. Ribeiro, Afetos de um bebê, 2015.....	113
Figura 29. Ribeiro, Riso partilhado, 2015	114
Figura 30. Mimos para um primeiro passo, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	116
Figura 31. Ai!, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	116
Figura 32. Convivendo, 19 de Julho 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	117
Figura 33. Ribeiro, Contato, 2015	118
Figura 34. Ribeiro, Uma tarde de acolhimento muda toda rotina, 2015	118
Figura 35. Ribeiro, Mamar e assistir desenho, 2015	119
Figura 36. Ribeiro, “Ele me abraçou!!”, 2015.....	120
Figura 37. Uma chegada, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	121
Figura 38. Quando ele usa cor-de-rosa, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	123
Figura 39. Ribeiro, É que eu te olho, eu te percebo, 2015	125
Figura 40. Ribeiro, Colo, 2015	125
Figura 41. Boa noite, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	126
Figura 42. Ribeiro, Cotidiano, 2015	127
Figura 43. Ribeiro, Hora do banho, 2015	127
Figura 44. Ribeiro, Fresquinho, 2015.....	127
Figura 45. Meu acolhido, eu e um hospital, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	131

Figura 46. Treze dias da vida de José, treze dias da vida de Oscar, 2015. Fonte: print screen do <i>Facebook</i>	132
Figura 47. Entre furinhos e exames: ele sorri. Sobre a potência de uma vida, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	133
Figura 48. Pai e acolhedor, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	133
Figura 49. Em berço provisório, mas envolto em carinho, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	144
Figura 50. Quando basta ser, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	147
Figura 51. Enquanto ele fica, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	147
Figura 52. (Des)continuidades, 2015. Fonte: <i>print screen</i> do <i>Facebook</i>	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
Parte 1. Dispositivo de institucionalização da infância e adolescência.....	18
1.1 Infância: uma construção social.....	21
1.2 Performatividade familiar.....	27
1.3 Sujeitos de direitos.....	30
1.4 O Dispositivo de institucionalização e um recorte de classes.....	31
1.5 Institucionalização.....	34
1.6 Incertezas quanto às instituições: questionamentos científicos.....	39
1.7 De recolhimento à acolhimentos: fissuras de um dispositivo.....	47
1.8 Acolhimento Familiar na França.....	60
1.9 Acolhimento familiar em Portugal.....	67
Parte 2. Afetos.....	69
Parte 3. Territórios metodológicos.....	78
3.1 Aspectos éticos.....	81
3.2 Cartografia.....	82
3.3 Diário de campo: registros de fragmentos intensivos.....	83
3.4 Conversas ou entrevistas com manejo cartográfico.....	86
3.5 Entre o território e o olhar, uma lente.....	88
3.6 <i>Facebook</i> como território emergente para a pesquisa.....	88
3.7 O que os olhos não veem, por um telefonema se conta.....	91
Parte 4. Exposição de Traçados afetivos do acolhimento familiar.....	97
4.1 Casa-afetos.....	97
4.1.1 Varal de chupetas: materializando ausências.....	98
4.1.2 Casa “bagunçada” ou cheia de brinquedos: cartografando alguns sinais da infância.....	100
4.1.3 Geladeira.....	108
4.1.4 Registros fotográficos.....	109
4.2 Afetos de troca cotidiana.....	111
4.3 Afetos e responsabilidades.....	124
4.4 Afetos de um telefonema: processo de desterritorialização.....	134
4.5 Afetos de transitoriedade.....	143
4.6 Vinculação no acolhimento familiar: possibilidades e conflitos.....	149
4.7 Rivalidade e ambivalência.....	151
4.8 Dificuldades frente ao acolhimento.....	156
4.8.1 Acolhimentos simultâneos.....	157
4.8.2 Fim dos acolhimentos.....	157
4.8.3 Inexistência de grupos de apoio mútuo e trocas.....	159
Considerações finais.....	166
APÊNDICES.....	180
Diários de Campo.....	180
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	251

INTRODUÇÃO

Os passos dados nesse trajeto de construção de conhecimento, que se pretendeu nômade, poderiam ser explanados, acolhidos e compreendidos de diversas maneiras. A forma como escolhi apresentá-los está atrelada aos fragmentos de minha história de vida, aos momentos intensivos desse trajeto em que os afetos decompueram os passos em uma corrida desenfreada ou em uma paralisia contida, à passos ora ordenados, de mansinho pé ante pé, ora descomedidos, aos atropelos, em pequenos e grandes saltos, e alguns tropeços.

Escolho como ponto de partida meus dois anos de idade (aproximadamente), por ter sido este, como o considero, um momento de sensíveis mudanças: nesse período fui adotada por minha família. Essa diferença acompanha-me desde então, marca-me e me faz olhar a vida, as relações entre os corpos, enfim, os encontros, a partir dessa marca, de modo singular.

Aos quinze anos, quando “descobri” essa história de adoção, fui tomada por uma frustração imensa porque tratava-se de algo diferente para o qual eu não tinha explicações ou parâmetros. Apesar de todo o choro e confusão, consegui perceber algo importante que já na época pareceu-me bom: de qualquer forma, eu tive uma família, tive cuidado e amor. Era uma maneira que eu havia encontrado/criado de dar sentido àquele turbilhão de afetos, àquelas exceções. O incompreensível era: por que não me quiseram? O que havia dado errado? E ainda também: por que outras(os) me quiseram, e escolheram-me? Em que estavam os erros e acertos dessa história? Na época, quinze anos, certa ponta de rebeldia, e agora, mais algumas perguntas somadas à vida.

Meu imaginário guiava minhas perguntas em torno desse “umbigo ainda em flor”²: o que constitui uma família? Qual a força dos laços de sangue? Por que algumas pessoas abandonam crianças e outras entregam-nas para adoção, e ainda, por que há quem queira e adote essas mesmas crianças? Tais questões foram mesclando-se as outras, modificaram-se, estancaram, enfim... estiveram em processo, durante anos.

Foi assim que ao cursar a graduação em Psicologia, deparei-me, no quarto ano com um estágio intitulado *Laços de amor: adoção, gênero, cidadania e direitos*. Logo interessei-me, queria realmente saber o que a Psicologia tinha a dizer sobre a prática de adoção de crianças e adolescentes: sobre aquele pequeno turbilhão.

Foi aí que se deu meu ingresso nas leituras e discussões sobre adoção, famílias, crianças, e sua relação com as questões de gênero, clínica e psicoterapia. Nesse caminho encontrei muitas

² Referência à letra da música *Prato de flores*, de Nação Zumbi, do trecho “seu umbigo ainda em flor vai parar o tempo, vai matar a dor de novo”.

pesquisas interessantes, livros, dissertações, teses, e percebi que a adoção poderia, inclusive, ser uma prática dissidente, no sentido de que contem em si um enfrentamento a certa produção de verdades discursivas sobre as famílias. Consegui nomear os preconceitos (meus, inclusive), citá-los com referências bibliográficas e tudo! E mais que isso, senti imenso desejo de desconstruí-los. E fui desconstruída, desterritorializei-me para retorritorializar-me inúmeras vezes.

Era preciso deixar-me estranhar pelas marcas.

Lembro ainda de um dia em que cheguei para uma supervisão de estágio, angustiada (após uma sessão de psicoterapia) e fiz uma pergunta ao Fernando (meu atual orientador que, na época, orientava-me na iniciação científica). Do que me recordo, minha questão naquele dia era se os(as) bebês tinham memória, se eu podia, por exemplo, ter gravado uma sensação de abandono, de passagem da minha genitora, de seu cheiro e calor, aos da minha mãe, e essa ruptura ter se “gravado” em mim de forma negativa, e como resultado, eu enfrentar problemas atuais por conta disso (da adoção).

Sinceramente, não recordo de tudo mas lembro de sua resposta citando autoras (es) e teorias enquanto possibilidades, umas diferentes das outras. Ele dizia “tal autor diria que.... Mas já tal teoria responderia que...”, e assim ele foi conduzindo-me à um pensamento. Dentre essas possibilidades citadas haviam diversas que balizavam por conceitos de abandono, falta e traumas.

Foi o auge quando ele concluiu pontuando que era possível que eu tivesse sido atravessada sim, por diversas sensações e que eu poderia, inclusive, ter sentido positivamente a diferença no cuidado, no toque, na constância desse novo cheiro, voz e calor. Por que não?

Não sei se compreendi exatamente o que ele tentava mostrar, mas percebi duas coisas: primeira, eu não precisava, necessariamente, subjetivar-me pela falta; segunda: que a Ciência, e nesse caso, mais especificamente a Psicologia, poderia ter usos diversos e servir às diminuições ou aos aumentos de potência de vida.

Ou seja, a história é viva, está em construção em um processo em que as memórias e sensações vão ganhando sentido, assentando-se com a formação de nossas máscaras: processo de subjetivação, o atual em nós. Era possível dar sentido às minhas vivências, por meio de teorias que afirmavam uma falta constitutiva e traumas por conta da adoção, ou então encarar estas mesmas vivências assentando-me em teorias que afirmam a vida, a valorização das diferenças, dos encontros e das escolhas feitas por amor.

Inevitável não lembrar de Foucault (1977) quando destaca a importância de desprendermos- nos "das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a

lacuna), que o pensamento ocidental, por um longo tempo, sacralizou como forma do poder e modo de acesso à realidade". É preciso preferir "o que é positivo e múltiplo; a diferença à uniformidade"³.

Havia então, enquanto psicóloga em formação e recente pesquisadora, uma escolha ética a ser feita, inclusive diante da produção do conhecimento. A possibilidade de afirmar a vida, a potência dela e os afetos em toda vivência, em toda diferença - mesmo em histórias à princípio marcadas pela privação ou pelo abandono, seja por parte do Estado, das famílias e/ou de ambos –apresentava- se como coragem ética.

Compreendi a urgência em produzir trabalhos potencializadores da capacidade de afirmação da vida e das diferenças. Isto explicitou- se ali, em um encontro intensivo: os fatos sociais podem resvalar por teorias diversas, o que produzirá discursos, verdades e modos de subjetivação. A grande questão é: o que se quer promover, o que deixar de rastros pelo caminho? Que recados manter nas encruzilhadas, aqueles pontos sensíveis em que nossos passos encontram-se com as(os) de outras(os)?

Assim, no grupo de estágio esse processo de conhecimento teve continuidade, organizamos eventos e pesquisamos juntos(as), o que resultou em minha iniciação científica (“Os efeitos da matriz bioparental nos processos de adoção de crianças e adolescentes”), e desdobrou-se até a presente dissertação.

Exposta à possibilidade de deixar-me conduzir pelas marcas do tempo, é que acredito que a pesquisa já existia de algum modo, à espera de atualizações.

Em um dos eventos realizados com o grupo de estágio foi que o tema Acolhimento Familiar (modalidade de acolhimento alternativa ao institucional, que ocorre na casa de famílias acolhedoras) surgiu de forma mais marcante: nesse momento os primeiros cenários dessa cartografia foram avistados.

Em viagem à uma cidade do interior paulista para participar de outro evento, aproveitei e fiz uma visita à equipe do programa de acolhimento em família colhedora de lá. Conversei com a psicóloga e com a assistente social, e convidei-as à participarem de nosso evento na UNESP sobre o tema. A assistente social aceitou e participou conosco na ocasião, em que apresentou o programa relatando um pouco de sua experiência nesse trabalho, e exibindo o vídeo de uma das famílias acolhedoras em que contavam um pouco sobre suas vivências.

Fiquei impressionada com aquela proposta de acolhimento e de novo fui atravessada por diversas questões. Por acaso, geralmente tenho carinho pelo que causa- me estranhamento,

³ Excerto extraído da *Introdução à vida não fascista*. Disponível em: http://www.coloquiofoucault2008.mpbnet.com.br/por_uma_vida_ao_fascista.html.

por aquilo que tem a ousadia de suportar, em si, a diferença. Nessa altura, no quinto ano da graduação e essas novas questões que eu queria muito responder (mais tarde me surpreendi ao perceber que, mais relevante do que achar respostas, poderia ser, abrir passagens e criar outros questionamentos).

Era preciso marcar as folhas de papel ainda em branco. Foi assim que, depois de um percurso de leituras, elaborei um projeto para o mestrado (de fato, um pouco distinto do que hoje resulta), com o intuito de realizar uma pesquisa com famílias acolhedoras, ou seja, com famílias participantes de programas de Acolhimento Familiar.

As questões da pesquisa (sobre as possibilidades de afetos entre as famílias acolhedoras e as crianças acolhidas, as motivações, os enrijecimentos discursivos) então, em poucos momentos foram estranhas às minhas sensações, e ao contrário, surgiam também delas, dos afetos borbulhantes pondo tudo em movimento. Questões que passaram a configurar-se como pretensão ética de inventar mundos diante de um tema que guarda sua relevância social no fato do Acolhimento Familiar surgir como proposta alternativa ao acolhimento institucional, rompendo com aspectos de uma história marcada, por anos, pela institucionalização da infância e da adolescência pobre.

Assim, no encontro entre mim e duas famílias acolhedoras, foi possível adentrar as marcas que me compunham desde antes da graduação, aprofundar, ir dando corpo à essa existência e criar novas fissuras. Dessa maneira, com o tempo, tal trajetória pode ganhar em mim um corpo mais palpável, maior consistência.

Nessa empreitada, durante algum tempo pensei no que utilizar, em que informações históricas trazer e destacar para situar o tema aqui proposto. Ou seja: a quem dedicar a primeira parte da escrita? Assim, iniciou-se um processo de tentativa de fazer renascer o objeto despindo-o de sua anterioridade discursiva que resultou em um exercício de vasculhar o sedimentado e buscar inaugurar uma nova estética argumentativa que permitisse dar passagem às multiplicidades intensivas desta cartografia.

Com a intenção de vivenciar e destacar alguns afetos nos contextos de acolhimento familiar, pensei em apontar a família e sua historicidade, destacando as funções dentro do grupo familiar e suas modificações, o que inevitavelmente levaria à discussão sobre a infância, o nascimento do sentimento de amor às crianças (uma discussão também bastante ampla), haveria também a possibilidade de destacar as ações voltadas à infância pobre e excluída, como os abrigamentos e as políticas de proteção. Percebi que os temas mantinham íntima relação, e nesta composição de saberes haveria de encontrar uma forma de escrever sobre.

Foi quando retomei a ideia de dispositivo de Foucault, que me possibilitou apresentar a composição dessas histórias, destacando alguns entrelaçamentos entre infância, família, Estado, pobreza, políticas públicas, bem como situar o panorama do acolhimento familiar e os discursos que o compõem. Estes traços e registros encontram-se na parte 1, em que destaco o acolhimento familiar enquanto uma prática composta por linhas de fissura dentro de um dispositivo voltado às crianças e adolescentes afastadas(os) de suas famílias.

Quanto aos afetos, reencontrei-os enquanto conceito, quase “por acaso”. O objeto da pesquisa, o tema geral estavam bem definidos mas o que eu queria exatamente da família acolhedora, ainda era vago. Eu buscava algo da esfera das relações, mas o que? Era preciso um recorte.

Na graduação já tinha tido contato com autoras(es) da Filosofia e aproximações desta com a Psicologia, em especial com a Filosofia da Diferença, o que me levou à Deleuze, Guattari, e Espinosa. Foi assim que retomando alguns conceitos e leituras, nesse período, reencontrei-me com o conceito de afeto nos escritos de Deleuze, que me levaram até Espinosa novamente, tornando-se, este, por fim, por encantamento, um conceito central neste trabalho, que encontra-se anotado na parte 2.

A escolha metodológica deu-se de forma curiosa, porque foi preciso mudar para lidar com os fluxos e intensidades. Essa mudança continha em si a percepção de que o conhecimento é processual e inseparável do próprio movimento da vida e dos afetos que a acompanham, portanto, na tentativa de acessar uma dimensão afetiva e acompanhar processos mais do que buscar verdades, é que a escolha da Cartografia como método se deu. Esta, enquanto caixa de ferramentas, possibilitou uma composição de instrumentos (encontros, fotografias, filmagens, telefonemas, gravações de áudios, redes sociais, e dois diários de campo), que contribuiu para que não apenas os discursos proferidos fossem acessados, mas também aqueles que ao atravessarem as entrelinhas são captados apenas pelas sensações. Era preciso instalar-me sobre as próprias linhas do dispositivo. Essa experiência cartográfica tem seus apontamentos metodológicos registrados na parte 3.

A parte 4 destina-se a apresentar linhas de traçados afetivos do acolhimento familiar em que alguns registros fotográficos, trechos dos diários, assim como material proveniente do *Facebook*, são apresentados, com o intuito de produzir, nesse encontro entre a presente cartografia e quem aqui se detém, brechas para que a esfera dos acolhimentos, em sua composição de afetos, possa ser atualizada e também disparadora destes.

Os apêndices que seguem são fragmentos dos diários de campo. Por meio dessas escritas, a pretensão foi trazer um pouco, ainda que fragmentado, da imensidão intensiva que

se compôs ao acompanhar duas famílias em seus processos de acolhimento. Estes diários foram compostos em diferentes momentos, com escritas produzidas aos solavancos, às enxurradas, e à conta gotas, com lembranças imediatas e outras muito tardias, posteriormente incorporadas.

Os relatos ali talvez digam mais de como foi possível perceber e rememorar os processos e afetos, do que de uma realidade única, verdadeira e objetiva. Devem ser percebidos mais como o espaço onde foi possível grafar e acolher os estranhamentos bem como os aspectos mais reconhecíveis que sobrevieram durante esse processo cartográfico.

Considerações finais

Acompanhar os processos de acolhimento significou lidar com as famílias e com o próprio dispositivo, com suas desterritorializações e fluxos de intensidades que escapavam ao plano de organização dos territórios, bem como significou lidar com as intensidades experimentadas em nossos encontros, compondo um plano de consistência em que os afetos tomavam corpo delineando novos territórios.

Como foi possível acompanhar, mudanças nas concepções de infância, de família e de acolhimento ocasionaram bifurcações no dispositivo de institucionalização de crianças e adolescentes retiradas(os) de suas famílias de origem e abriram espaços para novas práticas. Assim, o surgimento do acolhimento familiar como uma opção ao acolhimento institucional, que passou por fortes questionamentos quanto à sua efetividade na proteção e cuidado das crianças e adolescentes, traz para tal cenário de mudanças outras questões.

Nesse encontro com as famílias acolhedoras, processo em que as intensidades compuseram-se, diversos aspectos se evidenciaram, e de modo geral, foi possível notar que, modificar uma cultura de acolhimento que tem raízes históricas na institucionalização, bem como criar novas medidas de proteção, não são processos simples, pois envolvem-se tensões entre a adoção de um novo discurso social (que promove acolhimento familiar e alternativas de permanência da criança e adolescente em sua família de origem) e práticas culturais antigas de reclusão, sustentadas por diversos estigmas.

Assim, com a coexistência entre o atual e o antigo, é importante ter a perspectiva de que nessa proposta de participação da sociedade na efetivação de uma política de cuidado e proteção de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos violados, inúmeros são os afetos que se envolvem tanto na produção de novas fissuras quanto na manutenção de antigas sedimentações. O afetar-se enquanto família acolhedora promovido por toda a experiência do acolhimento provoca no dispositivo deslocamentos. Assim, tais famílias, enquanto propulsoras dessas mudanças deparam-se com questões históricas ao comporem o presente dessa prática habitando-a com seus corpos, sendo eles atravessados constantemente pelas diversas linhas e fluxos.

O acolhimento familiar caracteriza-se, por um lado, como prática a partir da qual cada membro da família constitui um aparato com dimensões nacionais por meio de uma composição que abriga como matéria-prima o próprio corpo, e passa por sua compreensão e sensibilidade, suas experiências, preconceitos e fantasmas, seus afetos e afecções, enfim: por sua singularidade. Enquanto isso, por outro lado, encontram-se ainda outros corpos, crianças, que

de desconhecidas passam a ser cuidadas, respeitadas e amadas, em muitos casos. São pequenos corpos que trazem igualmente suas marcas, afetos e afecções, e que resvalam por vivências de privação de seus direitos.

Manter a potência de expansão da vida em uma modalidade de acolhimento como esta, considerando o plano dos encontros entre os corpos, seus afetos e desterritorializações, mostra-se um desafio para todos(as) os(as) agentes envolvidos(as). Realidade complexa com a qual as equipes técnicas, responsáveis por cada programa têm que lidar constantemente ao atentar para a latitude e longitude dos corpos envolvidos, percebendo-os em sua integralidade.

Reside aí também a importância de formação continuada de tais profissionais para que estejam instrumentalizados(as) frente às particularidades dessa modalidade de acolhida e das singularidades de cada pessoa que acolhe, e assim possam lidar com as dificuldades oferecendo o suporte necessário às famílias participantes.

Quando o acolhimento encerra-se e a família acolhedora não pode manter o contato com o(a) acolhido(a), ele pressupõe uma espécie de luto em que é preciso fazer um desinvestimento da criança enquanto objeto. Portanto, é compreensível que as famílias enfrentem esses momentos e manifestem afetos oriundos de tal vivência, porém é preciso lembrar o limite de tolerância para a desorientação e a reorientação dos afetos de cada corpo.

Diante disso, é importante também que as equipes técnicas e a coordenação estejam atentas(os) às ações específicas em cumprimento às recomendações para construção de espaços de troca de experiências entre famílias acolhedoras (como grupos de apoio, de escuta mútua), ou seja, à criação e manutenção de espaços onde tais famílias possam encontrar-se, compartilhar suas experiências, medos, inseguranças, êxitos e aprendizados. Espaços que se destinem à fortalecimento, acolhida e problematização, onde as famílias possam discutir e desmistificar, também junto à equipe, preconceitos e equívocos para que afetos como rivalidade e ambivalência não paralitem, mas sejam trabalhados e transformados em potência de vida, em acolhimento.

A expectativa é de que dessa maneira o acolhimento não se torne algo isolado, da esfera privada, restrita ao interior das casas, mas mantenha-se como uma prática compartilhada, conferindo visibilidade ao que permanece em silêncio, evitando assim ostracismos, equívocos e sofrimentos desnecessários. Uma vez que modificar uma cultura de acolhimento passa por afirmar novos discursos, fortalecê-los e recriá-los à cada nova experiência, tais momentos compartilhados tornam-se de suma importância.

O acolhimento familiar enquanto proposta que lida com famílias distintas demanda ponderar sobre as associações que as relações entre gênero, classe, raça, orientação sexual, etc.,

têm em nossa sociedade na produção discursiva sobre família e políticas públicas voltadas à população pobre. Como foi possível acompanhar, marcadamente, a partir das genitoras das crianças acolhidas, a interseccionalidade entre gênero e classe tem contornos específicos que nesse contexto geraram preconceitos, ambivalências e culpabilização das mesmas.

As diferentes famílias que se envolvem, acompanhadas da classe social à que pertencem e dos discursos que se engendram e compõem seu processo de subjetivação, enfrentam a reativação de preconceitos, ao mesmo tempo em que se expõem ao novo mediante uma prática de acolhimento que propicia aos corpos encontros não somente com outros corpos e suas histórias, mas também com leis e discursos.

É preciso assim, não desconsiderar a dimensão dos afetos. Afetação que passa pelo resignificar sua própria vivência enquanto família, os espaços de sua casa com a abertura para outro ser e sua história. Abertura à uma vida e à política pública brasileira, que pressupõe ainda o contato com profissionais da Psicologia, do Serviço Social, com juízes(as), promotores(as) e instituições.

Foi possível notar que a previsão de que cada família ofereça acolhimento à uma criança por vez, quando não cumprida, gera situações que são, por vezes, manejadas pelas famílias a seu favor uma vez que os acolhimentos simultâneos são resignificados como um meio delas afetarem-se menos frente ao término dos acolhimentos, já que, dessa forma, suas casas não ficam “vazias”.

A prática de adoção de crianças e adolescentes é perpassada por muitos preconceitos, e nesse contexto, mesmo as famílias adotantes reproduzem- os por meio de receios diante de uma vinculação não biológica que amedronta a ponto de desejarem ocultar desse(a) filho(a) quaisquer aspectos de sua história que estejam relacionados às vivências anteriores à adoção. Por outro lado, a família de origem das crianças e adolescentes também mantém receios quanto à acolhedora, pois no imaginário de muitas delas, tal família, enquanto representante do Estado, simboliza uma ameaça.

Dessa maneira, para as famílias que acolhem, isso representa em diversos casos, a perda total de contato com o(a) acolhido(a), uma vez que o acolhimento familiar, muitas vezes tropeça em conflitos de ligações e de pertença. Porém, essa realidade, como acompanhamos, pode ser modificada passando a família acolhedora à compor a rede de amigos e cuidados de tal criança. Trata-se, portanto, de dimensões do dispositivo de institucionalização que ainda estão em processo de questionamento e modificação, passando pelas experiências dos corpos e suas afetações.

Desse modo a intervenção do Estado, antes caracterizada por sua centralização a partir das grandes instituições, agora expande-se pelos territórios, chegando à esfera doméstica por intermédio das famílias acolhedoras.

Nesse contexto, um desfecho preciso não pode ser almejado uma vez que estamos lidando com processos, e não se pretende aqui realizar um juízo de valor quanto ao acolhimento familiar, mas apresentá-lo em sua complexidade e inovação, considerando suas fragilidades e incongruências.

É importante destacar, ainda, que cada família que participa dessa modalidade de acolhimento vivencia-o de modo singular, diante da particularidade das crianças e dos afetos que desses encontros originam-se. Portanto, não pretendi incorrer em generalizações, mas destacar alguns traçados intensivos que se compuseram com o contato com as famílias participantes, e desse modo dar visibilidade à essa nova esfera que compõe nosso atual projeto de nação frente às crianças e adolescentes.

As principais diferenças percebidas entre as modalidades de acolhimento institucional e em família acolhedora foram, a princípio, em relação à possibilidade de manutenção dos vínculos existente no acolhimento familiar, desejo que apareceu com frequência por parte das famílias acolhedoras aqui acompanhadas, que após o período de cuidados dedicados às crianças, interessam-se pela continuidade da história destas, e mantêm carinho por elas. Isso representaria, para as crianças acolhidas, uma expansão em sua rede de cuidados e de amizades. Porém, como vimos, essa possibilidade esbarra-se, por vezes, na insegurança das famílias de origem ou adotante frente à essa vinculação.

Outra importante diferença reside no fato de que, no acolhimento familiar, o direito à convivência familiar automaticamente é assegurado, e o fato das crianças acolhidas serem inseridas nas atividades de tais famílias e em sua rede de amizades é um facilitador para que a convivência comunitária também se efetive. Essa experiência evita que a criança fique dependente em um espaço institucional à espera de que a sociedade se lembre dela, se mobilize e desloque-se até tais lugares para visitá-la. As famílias que acolhem fazem essa mediação ao cumprirem sua função, assim, as crianças têm mais mobilidade e autonomia em seu contato com as demais pessoas, elas não ficam apenas à espera, mas deslocam-se, chegam e saem dos mais diversos lugares em companhia de seus/suas cuidadoras(es).

O acolhimento familiar enquanto uma prática por meio da qual os corpos encontram-se, consiste em trocas em que a força para existir e a potência de agir de todas (as) as(os) envolvidos(as) podem ser ampliadas ou diminuídas. Assim, quando o acolhimento familiar é assertivo, no sentido de garantir o que as crianças necessitam por meio de bons encontros com

a família acolhedora, esta por sua vez, também alcança ganhos, que vêm por meio de um sorriso, da companhia, do reconhecimento e da clareza de ter realizado um bom trabalho.

Ou seja, os afetos enquanto passagens intensivas e acontecimentos vitais, que resultam desses ganhos, impulsionam-nas a manterem-se em tal prática apesar das dificuldades enfrentadas. Considerar esse aspecto é importante uma vez que, em comparação ao ambiente institucional destinado aos acolhimentos, a família que acolhe também beneficia-se com tais trocas, relação distinta da existente entre funcionários(as) de uma instituição, que em seu local de trabalho têm que atender às diversas crianças e adolescentes.

Diferentemente do acolhimento institucional, portanto, a criança em família acolhedora tem o privilégio de entrar em uma relação mais particularizada de trocas afetivas, o que lhe dá uma boa condição de desenvolvimento. Ainda que apenas um membro dessa família responsabilize-se mais pelos acolhimentos, de modo geral, todos os membros participam e envolvem-se com as crianças. Ou seja, há toda uma estrutura de família em função da criança.

É importante que investigações futuras dediquem-se a acompanhar o impacto do acolhimento familiar também para as famílias de origem das crianças e adolescentes acolhidos(as), à quem também são propostas mudanças a partir dessa modalidade de acolhimento com o foco na reintegração da criança à ela. Ou seja, é importante problematizar o que, de fato, tem mudado para elas, como percebem essa mediação da família acolhedora e quais são os afetos que se esboçam ali, diante das diferenças entre tais famílias e dos discursos que perpassam esse contexto.

Quanto às crianças que passaram por esse processo de acolhimento, é possível também maior aprofundamento no que concerne a compreensão de quais os efeitos dessa forma de acolhimento em comparação ao institucional, tanto para as aquelas(es) que foram adotadas, quanto para as(os) que retornaram às suas famílias de origem.

Há ainda outra dimensão que pode ser aprofundada por pesquisas futuras, que se relaciona às equipes técnicas compostas por profissionais da Psicologia e do Serviço Social, que têm que se adaptar à essa nova proposta, bem como em que medida têm sido possível o cumprimento das novas exigências a partir dessa fissura no dispositivo de institucionalização.

Os efeitos do acolhimento institucional são discutidos e acompanhados há mais tempo, e por ser o acolhimento familiar mais recente, pairam ainda sobre ele inúmeros questionamentos, como por exemplo, sobre o risco que pode existir ao acolherem-se crianças com essa descentralização da instituição e conseqüente proliferação de espaços e de agentes de acolhimento. É preciso, portanto, atentarmos para não restarmos cegos por uma visão

romântica e ingênua de que não possam existir maus tratos, negligência ou discriminação na prática do acolhimento familiar.

Pudemos notar algumas proximidades entre as duas famílias e aqui destaco, por exemplo, o fato de ambas não terem mais crianças pequenas em casa, o que parece ser um incentivo à participarem como famílias acolhedoras; com relação à preparação da casa, e aos espaços destinados aos registros fotográficos, essa proximidade também se manteve, assim como suas principais dificuldades diante do fim dos acolhimentos, o desejo de manterem contato com algumas das crianças, e os acolhimentos simultâneos.

Sobre as limitações dessa cartografia, não foi possível acompanhar acolhimentos de crianças maiores de dois anos de idade, tampouco de adolescentes, e além disso, nosso acompanhamento das famílias restringiu-se ao período diurno.

Quanto à diferença dos acolhimentos com relação ao sexo das crianças, além das escolhas das cores das roupas e dos brinquedos, aparentemente os afetos das famílias variaram mais pela maior ou menor vinculação estabelecida com alguns(mas) dos(as) acolhidos(as), que geralmente parecia mais relacionada ao tempo de permanência destes(as) e às vivências possíveis nesse período, do que com relação ao sexo dos(as) mesmos(as).

A prática do acolhimento familiar é, portanto, uma proposta ousada que contem suas complexidades por abrigar em si a capacidade de aumento de potência de vidas, tanto das crianças que recebem carinho e acolhimento, quanto da família acolhedora que acompanha o desenvolvimento físico, emocional, bem como o processo de fortalecimento destas(es) enquanto sujeitos de direitos.

É preciso, assim, coragem ética e comprometimento para cuidar sem apossar-se, para priorizar o bem estar, principalmente, das crianças, e assim, compor uma mudança paradigmática que problematiza a institucionalização destas por meio de uma proposta que valoriza a dimensão afetiva da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTOÉ, S. De “menor” à **presidiário**: a trajetória inevitável? Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1993. 112p.
- ARAÚJO, P.C; BOTTENTUIT JUNIOR, J. B. **O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de Filosofia**. Ano XI, n. 02 - Fevereiro/2015 - NAMID/UFPB – Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>. Acesso em: Janeiro 2017.
- ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. Trad.de Dora Flaksman. 2ºed. Rio de Janeiro: LTC, Livros técnicos e científicos, 1981.
- ASSIS, S. G; FARIAS, L. O. P. (organizadores). **Levantamento Nacional das Crianças e Adolescentes em Serviços de Acolhimento**. HUCITEC EDITORA São Paulo, 2013.
- AZEVEDO, A. B. de. **A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa**. ALEGRAR nº07 - set/2011.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1ª edição, 1988.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. 8. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BÁLSAMO, P. U. **Substituindo famílias**. Continuidades e rupturas na prática de acolhimento familiar intermediada pelo Estado em Porto Alegre, 1946/2003. Porto Alegre, 2005.
- BARROS, L. M. R. de; BARROS, M. E. B. de. **O problema da análise em pesquisa cartográfica**. Fractal, Rev. Psicol., v. 25 – n. 2, p. 373-390, Maio/Ago. 2013.
- BAPTISTA, R. **Acolhimento familiar, experiência brasileira**: reflexões com foco no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Serviço Social, 2006.
- BENTO, R. **A história de vida de crianças e adolescentes como mediadora da reintegração no contexto familiar**. São Paulo, s.n, 2010.
- BIRMAN, J. **A evolução da família**. Café Filosófico, 2012. <<https://www.youtube.com/watch?v=0et6BcO8ayY> > Acesso em: Abril 2016.
- BIERRENBACH, M. I. **Instituição fechada e violência**: uma visão de dentro. In BIERRENBACH et al. Fogo no pavilhão. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.37-119.
- BOCCO, F. **Cartografias da infração juvenil**. Porto Alegre: ABraPso Sul, 2009.
- BRASIL. **Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária**, Brasília – DF: CONANDA, 2006.
- _____. **Orientações Técnicas**: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. Brasília, 2009.
- _____. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Brasília: Ministério da Saúde, 1990.

BRIGAGÃO, J. I. M.; RIZZO, G. de M. **Serviço alternativo de Proteção Especial a Criança e ao Adolescente (SAPECA)**. In Quatro experiências de promoção da cidadania com grupos minoritários. Cadernos Gestão Pública e Cidadania. Vol 9. Número 43, Outubro, 2004.

BUJES, M. I. E., **O fio e a trama: as crianças nas malhas do poder**. Rev. Educação e Realidade, 25(1) 25-44, jan-jun/2000.

BUSSINGER, R. V.; LIMA, N. E. **Análise das motivações de famílias candidatas ao Programa Família Acolhedora de Vitória (ES)**. Argumentum, Vitória (ES), v. 6, n.2, p. 218-232, jul./dez. 2014.

BUTLER, J. **Performative Acts and Gender Constitution: An Essay in Phenomenology and Feminist Theory**. Theatre Journal, Vol. 40, No. 4 (Dec., 1988). Disponível em: <https://www.amherst.edu/system/files/media/1650/butler_performative_acts.pdf> Acesso em: 14 jan. 2017, p. 519-531

_____. **Cuerpos que importan: Sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”**. Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Deshacer el dénero**. Barcelona: Paidós, 2006.

CABRAL, C. (org.). **Acolhimento Familiar: experiências e perspectivas**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

CAIAFA, J. **Aventuras das cidades: ensaios e etnografia**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

CAMPOS, A. V. D. de S. **O menor institucionalizado: um desafio para a sociedade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984. 195 p.

CARIOLA, T. C. A. **Estudo dos indicadores de Snyders e Gaston no DFH realizado por crianças institucionalizadas**. Revista de pediatria moderna, v. 22, n 10, p. 366-8, 1987.

_____. **A análise da escala de Koppitz no DFH em crianças institucionalizadas**. Revista de pediatria moderna, v. 23, n 4, p. 233-8, 1988.

_____; JAHEN, S. M. Estudo comparativo através do Psicodiagnóstico do Rorschach entre crianças criadas em instituições e em famílias. Revista de pediatria moderna, v. 7, n 1, p. 25-9, 1985.

CARVALHO, M. C. B. **Famílias e políticas públicas**. In COSTA, A. R.; VITALE, M. A. F. (org.). Família, rede, laços e políticas públicas. São Paulo: IEE/Puc-SP, 2003.

CASSIANO, M.; FURLAN, R. **O processo de subjetivação segundo a esquizoanálise**. 2013.

CASTILHO, C. de F. V.; CARLOTO, C. M. **O familismo na política de Assistência Social: um reforço à desigualdade de gênero?** 2010.

CHAUÍ, M. **Desejo, paixão e ação na ética de Espinosa**. Companhia das Letras, 2011.

CONSTANTINO, E. P. **Meninos institucionalizados**: a construção de um caminho. São Paulo, Arte Ciência, 2000.

COSTA, N. R do A.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. **Acolhimento familiar**: uma alternativa de proteção para crianças e adolescentes. Psicologia Reflexão e Crítica, vol.22 no.1 Porto Alegre, 2009.

CORAZZA, S. M. **Infância e educação**. Era uma vez... quer que conte outra vez? Petrópolis: Vozes, 2002.

CRUZ, J. L.; SOUZA, N. F. de. **Abraço**: entre o clichê do afeto e a máquina. 23º Encontro da ANPAP – “Ecossistemas Artísticos” 15 a 19 de setembro de 2014 – Belo Horizonte – MG.

DELEUZE, G. **Nietzsche et la philosophie**. Paris: PUF, 1962.

_____. **Espinosa**: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

_____. **¿Que és un dispositivo?** In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, pp. 155-161, 1990.

_____. **“Spinoza et nous”** (1977), texto retomado em Spinoza – Philosophie pratique, 1981. (Tradução livre).

_____. **Cours Vincennes** - 24/01/1978. Disponível em < www.webdeleuze.com > Acesso 01/02/2015. Tradução: Francisco Traverso Fuchs. 1978.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995 (Coleção TRANS).

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. — Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996.

_____. **Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4 Rio de Janeiro: Editora 34. 715 pp. 1995-1997.

_____. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro, Editora 34, 1992

DELGADO, P. (2010). **O acolhimento Familiar em Portugal**. Conceitos, práticas e desafios. Psicologia & Sociedade, 22(2), 336-344.

DEMO, P. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 2001.

EDMUNDO, L. P. **Instituição**: escola de marginalidade. São Paulo: Cortez, 1987, 144 p.

FORTES, M. I. **A revolta contra a passagem do tempo: perspectivas nietzschiana e freudiana**. Clínica & Cultura v.III, n.I, jan-jun 2014, 17-23.

FOUCAULT, M. **Sobre a história da sexualidade**. In: M. Foucault, *Microfísica do poder* (pp. 243-276). Rio de Janeiro: Graal. (1995c).

_____. **História da sexualidade** – v. 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal (1999).

_____. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

FILHA, X. C. **Era uma vez uma princesa e um príncipe...**: Representações de ações de gênero nas narrativas de crianças. Estudos Feministas, Florianópolis, 19(2): 336, maio-agosto/2011.

FONSECA, C. **Criança, família e desigualdade social no Brasil**. In: Rizzini, Irene... [et al.]. *A criança no Brasil hoje: desafio para o Terceiro Milênio*. Rio de Janeiro: Editora Universitária Santa Úrsula, 1993.

_____. **Conexões intergeracionais em famílias acolhedoras**: considerações sobre tempo e abrigagem. Trabalho apresentado durante a 24ª Reunião Brasileira de Antropologia, 12-15 de junho, 2004 - Recife. Publicado em *Praia Vermelha* 13: 154-173, 2006.

FONSECA, T. M. G.; Kirst, P. G.; OLIVEIRA A. M.; et al. **Pesquisa e acontecimento**: o toque no impensado. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, p. 655-660, set./dez. 2006.

FREUD, S. (1916). **Sobre a transitoriedade** In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIV, p. 317. Disponível em <https://acasadevidro.com/2011/04/19/freud-e-a-transitoriedade/>, acesso fev. 2016.

_____. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Obras Completas vol. 12. Tradução de Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 1914-1916.

_____. **Introdução ao narcisismo**. Obras Completas Volume 12. 1914-1916.

GAUGET, A. **De la nourrice à la famille d'accueil: une exigence paradoxale**. Spirale N° 18. 2001.

GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. **Família em situação de vulnerabilidade social**: uma questão de políticas públicas. *Ciênc. saúde coletiva* vol.10 no.2 Rio de Janeiro Apr./Jun 2005.

GUIRADO, M. **A criança e a FEBEM**. São Paulo: Perspectiva, 1980, 207 p.

HEYWOOD, C. **Uma história da infância**: da Idade Média à Época Contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: Artmed, 2004.

IUCKSCH, M. **Evolução e contexto atual do acolhimento familiar na França**. Antigone. Disponível em http://www.antigone-formation.com/racine/article.php3?id_article=107. Acesso: fevereiro de 2016.

JESUS, C. da S. de. **O serviço social e as ações sócio-educativas com famílias**: um estudo sobre as publicações dos assistentes sociais. Florianópolis, 2005.

JORNAL NACIONAL, **Acolhimento familiar transforma espera pela adoção de crianças**. Disponível em <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2016/11/acolhimento-familiar-transforma-espera-pela-adocao-de-criancas.html>> Site G1, Edição do dia 15/11/2016.

KIRST, P. G.; GIACOMEL, A. E.; RIBEIRO, C. J. S.; et al. **Conhecimento e cartografia: tempestade de possíveis**. In: FONSECA, T.; KIRST, P. (Ed.). Cartografias e devires: a construção do presente. Porto Alegre: UFRGS, p. 91-101, 2003.

KOSMINSCK, E. V. **A infância assistida**. São Paulo, 1992. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LIMA, M. M. de. **Entre elas: cartografias dos devires amorosos**. Assis, 2009.

MARTINS, J. S. (org.) **O massacre dos inocentes: a criança sem infância no Brasil**. (2ª ed.). Ed. Hucitec, São Paulo. 1993.

MARTINO, M. de. **Políticas sociais y familia: Estado de bienestar y neoliberalismo familiarista**. Fronteras, Montevideo, Uruguay, n. 4, p. 103- 114, set. 2001.

MARTINS, L. B.; COSTA, N. R. do A.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C., **Acolhimento familiar: caracterização de um programa**. Paidéia set-dez. 2010, Vol. 20, No. 47, 359-370.

MESQUITA, A. P. de. **A família como centralidade nas políticas públicas: a Constituição da Agenda Política da Assistência Social no Brasil e as Rotas de Reprodução das Desigualdades de Gênero**. 2011.

MORAIS, L. C. de C. **Afetividade Enquanto Performatividade: Problematização Conceitual e Desafios para o Reconhecimento de Famílias do Brasil**. Revista de Direito de Família e Sucessão. ISSN: 2526-0227. Minas Gerais, v. 2, n. 1, p.46-60, Jul/Dez 2015.

MOTTA, M. A. P. **Mães abandonadas: a entrega de um filho em adoção**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

NASCIMENTO, R. D. S., **Teoria dos signos no pensamento de Gilles Deleuze**. Campinas, SP: [s.n.], 2012.

NASCIMENTO, M. A. N. do; PINAFI, T.; PERES, W. S. **Sobre acasos e acontecimentos: a proposta do método cartográfico**. In VASCONCELOS, M.S.; CARNEIRO, M. C.; CONSTANTINO, E. P. (Orgs.), Psicologia reflexões sobre a relação sujeito-objeto, Editora Unesp, SP, 2014.

OLEGÁRIO, F. **Cartografia como território dos ensaios**. Canoas, RS, 2015.

OLIVEIRA, Z. M. R. de (Org.) **Educação infantil: muitos olhares**. São Paulo: Cortez, 1994. 187 p.

OLIVEIRA, G. Z. de. **Políticas de educação para a infância: concepções subjacentes à legislação**. Passo Fundo, 2010.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Convenção sobre os Direitos da Criança**, 1989. Disponível em <http://www.onu-brasil.org.br/doc_crianca.php>; acesso em abril de 2015.

PAIVA, A. C. S. **Reservados e invisíveis: o ethos íntimo das parcerias homoeróticas**. Campinas/ SP: Ed. Pontes, 2007.

PAIVA, W. S. M., **Institucionalização e Infância: vivências e representações das crianças**. Minho, 2012.

PARPINELLI, S. R. **A/r/tografia de um corpo-experiência: arte contemporânea, feminismos e produção de subjetividade**. 2015. 276 f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis-SP, 2015.

PEIXOTO JUNIOR, C. A.; ARÁN, M. **O lugar da experiência afetiva na gênese dos processos de subjetivação**. PSICOLOGIA USP, São Paulo, 2011, 22 (4), 725-745.

PISCITELLI, A. **Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras**. Sociedade e Cultura, v.11, n.2, jul/dez. 2008.

PRESTES, A. B. **Ao Abrigo da Família. Emoções, cotidiano e relações em Instituições de abrigamento de crianças e adolescentes em situação de risco social e familiar**. Curitiba, 2010.

RABELLO, R. P.; MUSSE, C. F. **A cartografia afetiva da cidade na rememoração do Facebook**. Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Tríade: comunicação, cultura e mídia. Sorocaba, SP, v. 3, n. 6, p. 26-44, dez. 2015.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança: se der tempo a gente brinca**. Porto Alegre: Mediação, 2003.

RIZZINI I.; RIZZINI, I. **“Menores” institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80**. In: FAUSTO, Ayrton; CERVINI, Ruben. **O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80**. São Paulo: Cortez, 1991. pp.69-90.

_____. **A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente**, 2004.

ROCHA, M. C. **Vida e potência: a produção de afetos alegres**. Curitiba, 2011.

ROLNIK, S. B. **Cartografia Sentimental da América**. Produção do desejo na era da cultura industrial. São Paulo, 1987.

_____. **Cartografia Sentimental, Transformações contemporâneas do desejo**. Editora da UFRGS, Porto Alegre, 2007.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C.; ALMEIDA, I. G.; COSTA, N. R. A.; et al. **Acolhimento de Crianças e Adolescentes em Situações de Abandono, Violência e Rupturas**. Psicologia: Reflexão e Crítica, 25 (2), 390-399, 2012.

SPINOSA, B. de. **Ética**. Tradução e prefácio de Livio Xavier. Rio de Janeiro: Ediouro, 1965. 341p.

SADE, C.; FERRAZ, G. C.; ROCHA, J. M. **O ethos da confiança na pesquisa cartográfica: experiência compartilhada e aumento da potência de agir**. *Fractal, Rev. Psicol.*, v. 25 – n. 2, p. 281-298, Maio/Ago. 2013.

SADER, E. **Democracia é coisa de gente grande?** In: BIERRENBACH, M. I. et al. *Fogo no pavilhão*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 9-36.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências** (13a ed.). Porto, Portugal: Afrontamento. 2002 (Trabalho original publicado em 1988).

SANTOS, F. C. dos; CYPRIANO, C. P. **Redes sociais, redes de sociabilidade**. *Rev. bras. Ci. Soc.* vol.29 no.85 São Paulo Jun. 2014.

SANTOS, E. C. dos; SOUZA, A. de O. S. de; SILVA, F. M. da. (orgs). **Plano Municipal pela primeira infância de Nova Iguaçu**. Nova Iguaçu, 2014.

SAWAIA, B. (org.). **As artimanhas da exclusão. Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. 2ª ed. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

SILVA, R. S. **Imagem, corpo e pensamento em O céu de Suely**. Juiz de Fora, 2012.

SILVA, E. R. A. da; OLIVEIRA, R. M. de. **O Adolescente em Conflito com a Lei e o Debate sobre a Redução da Maioridade Penal: esclarecimentos necessários**. Brasília, 2015.

SILVEIRA-FILHO, F. M. **A Crise da masculinidade contemporânea**. In: COSTA, H. et al. *Retratos do Brasil homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

SOUZA, M. A.; ROCHA, K. A.; BARROS, D. R. B. **Famílias acolhedoras**. (s/d).

STERN, D. N. **Diário de um bebê**. O que seu filho vê, sente e vivencia. Trad. Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991, 135p.

_____. **O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento**. Trad. Maria Ariana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992, 135p.

TEDESCO, S. H.; SADE, C.; CALIMAN, L. V. **A entrevista na pesquisa cartográfica: a experiência do dizer**. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 25, n2, 2013.

TEIXEIRA-FILHO, F. S. **Psicologia e Teoria Queer: das identidades aos devires**. Assis, 2013.

TEIXEIRA, L. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. Editora Unesp, 2001.

TOLEDO, L. G. **“Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**. Assis, 2013.

TOMÁS, D. N. **Implantação e trajetória de um Programa de Acolhimento Familiar**. 2009.

TRINDADE, Z. A. **A realidade social dos meninos institucionalizados**. São Paulo, 1984. Dissertação (Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

VALENTE, J. **As relações de cuidado e de proteção no Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora**. 2013.

VICENTE, C. M. **Direito a convivência familiar e comunitária**: uma política de manutenção do vínculo. In KALOUSTIAN S. M. (org.). **Família brasileira a base de tudo**. Brasília: 4a ed. Cortez, UNICEF, 2000.

VIOLANTE, M. L. **O dilema do decente malandro**: a questão da identidade do menor. FEBEM. São Paulo: Cortez, 1982.

ZANARDO, L. B.; TEIXEIRA-FILHO, F. S.; RIBEIRO, E. M. C. **Os Efeitos da Matriz Bioparental nos Processos de Adoção de Crianças e Adolescentes**. Rev. Psicol. UNESP [online]. vol.13, n.1, pp. 60-85. ISSN 1984-9044, 2014.

ZEPPINI, P. S. **Deleuze e o Corpo: articulações conceituais entre Deleuze, Nietzsche e Espinosa em função da problemática do corpo**. - - Campinas, SP: [s. n.], 2010.